

OS PROBLEMAS DE TRADUÇÃO NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

Thyanne Raísa Silva e LIMA

Universidade Federal de Uberlândia
thayannerslima@hotmail.com

Resumo: Uma das produções mais importantes de Ferdinand de Saussure (1857-1913) é o Curso de Linguística Geral (CLG), que teve um efeito considerável nas chamadas ciências humanas. A repercussão do curso foi tão significativa que ele foi traduzido do francês para mais de vinte línguas, contudo algumas delas foram revisadas e refeitas, pois os estudiosos da língua contestavam as traduções alegando incorreção e/ou desvio teórico daquilo que Saussure apresentou nos seus três cursos (1906-1911). Uma das traduções que gerou controvérsia foi a tradução para a Língua Inglesa, em que foi primeiramente feita por Wade Baskin em 1959, e posteriormente por Roy Harris em 1983. Essa segunda tradução aconteceu em consequência das muitas contestações acerca da qualidade da primeira e das hipóteses sobre ela prejudicar a compreensão dos conceitos fundamentais apresentados no CLG. Um dos termos teóricos que mais geraram discussões foram: linguagem, língua e fala, que são de suma importância para a compreensão da teoria saussuriana. Portanto, examinaremos como esses três termos foram traduzidos por ambos tradutores, assim como o que sustentou a discordância teórica e quais princípios sustentam cada tradução. Faremos um levantamento dos argumentos de alguns atores e dos próprios tradutores a respeito das discordâncias da tradução desses termos. E apresentaremos quais os efeitos dessas discordâncias, especificamente no que diz respeito aos termos ‘língua’, ‘linguagem’ e ‘fala’, na linguística de língua inglesa.

Palavras-chave: Saussure; tradução; língua; linguagem; fala

Ferdinand de Saussure foi um genebrino linguista e filósofo considerado o pai da Linguística por transformá-la numa ciência e, especialmente, definir o seu objeto de estudo. Seus trabalhos transformaram a história da linguística existente hoje, e foram bastante importante por apresentar uma diferente abordagem nos estudos feitos até então, como coloca Normand, “O modo com que ele (Saussure) colocou em questão, no seio de uma ciência até então tranquilamente positivista, tudo o que proporcionava, para um sujeito falante, a garantia de seu discurso e de sua consciência, ainda hoje nos perturba.” (NORMAND, 2009:171), percebemos então o grande impacto de Saussure tanto quando surgiram suas ideias como ainda hoje.

Uma das suas produções mais importantes, que na verdade é uma obra póstuma, é o Curso de Linguística Geral¹, que teve um efeito considerável nos estudos linguísticos. Assim como seu autor, o livro se tornou um dos principais pontos de referência teórica, por ser considerado um marco na fundação da Linguística moderna. Contudo, por ele ser escrito após a morte de seu autor, acabou sendo alvo de muitos estudos e críticas. Como aponta Normand, “seus editores (do Curso de Linguística Geral) o haviam reconstruído a partir de cadernos de notas de estudantes, suscitou interesse e críticas...” (NORMAND, 2009:16).

¹ O Curso de Linguística Geral será referido neste artigo tanto como CLG como Curso.

A repercussão do curso foi suntuosa, uma vez que foi traduzido em várias línguas. Dentre elas, apontamos em ordem cronológica as traduções: japonesa (1928), alemã (1931), russa (1933), espanhola (1945), inglesa (1959), polonesa (1961), italiana (1967), húngara (1967), servo-croata (1969), sueca (1970), portuguesa (1971), vietnamita (1973), coreana (1973), albanesa (1977), turca (1976-78), grega (1979), chinesa (1980), tcheca (1990) e a romena (1998).

No entanto, a maioria das traduções foram revisadas² e alguns termos foram mudados com o passar do tempo, pois a dificuldade para traduzir para outras línguas o sentido que Saussure expressava nas palavras em Francês foi considerável, como podemos ver Toddes comenta sobre a dificuldade enfrentada pelo tradutor do Curso para o russo, ele afirma: “[...]je l’ai cru particulièrement difficile à traduire” (TODDES, 1982:69). Portanto, se o CLG foi considerado tão difícil de ser traduzido é necessário analisar o que gerou essa dificuldade e a repercussão da tradução dentro da evolução dos estudos da Linguística.

A tradução para o Inglês foi na verdade feita duas vezes, uma por Wade Baskin e outra por Roy Harris, pois aquela feita pelo primeiro autor foi bastante contestada por ter tradução de palavras que não expressavam exatamente a ideia que os termos de Saussure representavam, é o que Sanders aponta “a translation problem arises with certain of Saussure’s terms”(SANDERS, 2004:4), demonstrando que existem problemas em alguns termos do autor. Portanto, a seguir traremos mais elementos a respeito das diversas traduções do Curso de Linguística Geral e, especialmente, das controvérsias em torno dessas duas traduções para a Língua Inglesa que foram consideradas bastante importante na formação do linguista de Língua Inglesa.

Quando o Curso de Linguística Geral foi publicado em francês, não foi um sucesso imediato, porém alguns pesquisadores já procuravam entender melhor as ideias de Saussure. Os russos, por exemplo, questionavam que a assimilação das ideias do autor era difícil por falta de uma tradução, como vemos Toddes expor “L’assimilation des idées de Saussure a été entravée par l’absence d’une traduction russe du *Cours*” (TODDES, 1982:64)³.

Contudo, a partir do próprio livro em francês, muitas críticas fizeram com que o Curso fosse revisado várias vezes, e com que as traduções fossem um grande desafio. Toddes inclusive comenta da importância da equivalência terminológica que pode ter feito um papel importante no desenvolvimento da ciência linguística, “comment se sont constitués les équivalents russes de cette terminologie scientifique appelée à jouer un rôle si important dans le développement de la science” (TODDES, 1982:64).⁴

Assim sendo, perguntamo-nos quais são os problemas enfrentados por um tradutor no trabalho de traduzir uma elaboração sobre a língua que é considerada nova, sem precedentes. A publicação, em francês, pelo Cahiers Ferdinand de Saussure, de uma série de prefácios do Curso de Linguística Geral traduzido em várias línguas, nos auxiliará nessa tarefa.

1. A repercussão do CLG no mundo

Fazendo uma análise dos prefácios escritos pelos tradutores e/ou editores do Curso, percebemos que algumas traduções foram bastante aceitas, como por exemplo, a tradução que

² A tradução chinesa, por exemplo, tem duas versões a mais de 50 anos e ainda é questionada até hoje por teóricos chineses. Assim como o foco da nossa discussão, temos duas traduções para a língua inglesa.

³ A assimilação das ideias de Saussure tem sido dificultada pela ausência de uma tradução russa do Curso. (Tradução nossa)

⁴ Como se formaram os equivalentes russos dessa terminologia científica a desempenhar um papel importante no desenvolvimento da ciência (Tradução nossa)

temos em Português sempre nos pareceu bastante satisfatória. Contudo, a tradução para o Russo, Chinês, Inglês, entre outras, suscitaram muito trabalho, críticas e entraves, o que as tornaram um verdadeiro problema.

A tradução para o Russo, por exemplo, tem uma história interessante. Romm um lingüista, crítico literário russo e membro do Círculo Linguístico de Moscou, teve a ideia de editar uma tradução russa do curso, uma vez que ele reconhecia a repercussão do trabalho de Saussure logo após o CLG ser organizado por Bally e Sechehaye. Entretanto, nesse momento histórico havia uma crítica à política de publicação de traduções, pois havia uma dificuldade em se publicar trabalhos traduzidos, como observamos em Toddes (1982:66) “Ils critiquent tous la politique d’édition des traductions”⁵. Romm corresponde com os dois editores do Curso original para que eles possam ajudar na compreensão das ideias saussurianas, e observamos que naquele momento, pós-revolução, a dificuldade para que essa tradução acontecesse era ainda maior e dificultava o projeto de edição do livro, esse processo começou nos anos 20 e a tradução do Curso, como sabemos, só saiu em 1933.

Assim como os russos outros tradutores tiveram que recorrer a diferentes estratégias⁶ para que os leitores tivessem a tradução mais aproximada da versão original. Wen, tradutor da versão chinesa, comenta no prefácio do Curso, que Guobin o sugeriu “[...]the translating process should also be, for me, the process to understanding and assimilating Saussure’s spirit” (WEN, 2007:215)⁷, portanto, seria necessário não somente uma tradução das palavras exatas do autor, mas um entendimento daquilo que ele queria passar, como o próprio autor aponta seria preciso uma assimilação do “espírito de Saussure”, visto que muitas das palavras não apresentavam uma tradução literal.

As dificuldades da tradução às vezes se constituíam exatamente pela falta de conhecimento da obra, mas em outros casos até se conhecia o discurso de Saussure, porém era complicado conseguir a tradução dos termos, uma vez que esses eram completamente novos nos estudos lingüísticos, como aponta Sungdo (1990:74) “On connaît bien les théorèmes saussuriens; mais la possibilité de la traduction de ces théorèmes dans d’autres langues demeure un domaine relativement vierge”⁸.

Sungdo expõe em suas notas sobre a tradução da terminologia saussuriana em escrita chinesa que a tradução dos termos é o grande entrave encontrado, pois o tradutor, no caso de traduções de um discurso científico deve preocupar-se com os neologismos, e o que eles podem desencadear na compreensão do texto, assim como com a utilização de termos que possam deixar um texto científico subjetivo, o que nos dirige ao oposto que um texto científico nos deve trazer, ou seja, a objetividade.

“S’il est vrai que la traduction du discours linguistique, ici saussurien, est un champ d’application de la traduction, il reste que le cas de la traduction est spécifique dans la mesure où la recherche des équivalents d’une langue à l’autre ne consiste pas, pour le traducteur, à trouver les mots justes par intuition.[...]Par

⁵ Eles criticam a política de publicação de todas as traduções. (Tradução nossa)

⁶ Como podemos ver em Krings (2001), temos várias estratégias que podem ser utilizadas na tradução como estratégias de compreensão, de recuperação de memória, de monitoração, de tomada de decisão e de simplificação, porém esses conceitos não serão tratados neste artigo.

⁷ O processo de tradução do livro de Saussure deveria ser feito de uma compreensão e assimilação do espírito de Saussure. (Tradução nossa)

⁸ Conhecemos bem os teoremas saussurianos, mas a possibilidade da tradução desses teoremas para outras línguas continua a ser um domínio relativamente intocado. (Tradução nossa)

contre le traducteurs du discours scientifique ne peut utiliser librement l'équivalence néologique [...] il faut néanmoins parfois que le traducteur scientifique fasse des choix subjectifs, car, en tout état de cause, il n'existe pas de correspondances biunivoques entre des équivalents disponibles (SUNGDO, 1990:76)⁹

Três termos chaves, que quase sempre aparecem como referência nos prefácios, e essenciais para a compreensão das teorias saussurianas são: língua, linguagem e fala. Percebemos isso quando Romm, envia uma carta para os editores da versão francesa relatando os problemas que ele encontrou na tradução desses termos, considerando-os a parte mais difícil de traduzir, dessa forma ele expõe “Sa terminologie française (langue, langage et parole) c'est, selon moi, le point le plus difficile du livre” (TODDES, 1982:69)¹⁰.

Como observamos brevemente segundo Saussure “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”, “a linguagem é multiforme e heteróclita [...] ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica”; a língua “ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela”, “a língua não constitui, pois, uma função do falante, é o produto que o indivíduo registra passivamente”, “é um objeto definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem; “a fala, é ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 2006:16-23). Ressaltamos aqui que os conceitos dos três termos estão em grande parte das definições correlacionados, ou seja, a partir do momento que você compreende errado um deles, a compreensão dos outros pode ficar comprometida e isso pode fazer com que toda a tradução seja afetada somente a partir de um termo.

É interessante observar que o termo linguagem foi traduzido pela mesma palavra tanto em chinês, quanto em coreano, como em japonês, somente a pronúncia é diferente em cada língua. Já para o termo língua, em japonês e coreano foi utilizado uma palavra que equivale à linguagem no sentido geral, enquanto que no chinês há uma utilização de um novo composto de uma formação que ocorre na própria língua chinesa. Quanto à tradução de fala, cada língua teve sua própria tradução, em coreano, por exemplo, eles usam um neologismo específico em que o falante coreano tem dificuldade de delimitar o sentido, “L'équivalent coréen est 'hwaen', qui est un néologisme spécifique dont l'utilisateur coréen a beaucoup de peine à cerner le sens avec précision” (SUNGDO, 1990:79)¹¹.

Toddes aborda sobre a importância da equivalência terminológica no desenvolvimento da ciência linguística, “comment se sont constitués les équivalents russes de cette terminologie scientifique appelée à jouer un rôle si important dans le développement de la science” (TODDES, 1982:64)¹². Dessa forma, podemos notar que a tradução foi uma das peças fundamentais para a evolução da Linguística, e que a terminologia saussuriana suscitou grande trabalho aos tradutores

⁹ Enquanto a tradução do discurso linguístico aqui saussuriano é um âmbito da tradução, resta o caso de que a tradução é específica dentro da medida onde a pesquisa da equivalência de uma língua para a outra não é, para o tradutor, encontrar as palavras certas por intuição. [...] No entanto o tradutor do discurso científico não pode utilizar livremente a equivalência neológica [...] por outro lado, às vezes é necessário que os tradutores científicos façam escolhas subjetivas, pois em qualquer caso não existe correspondência entre os equivalentes disponíveis. (Tradução nossa)

¹⁰ Essa terminologia francesa (língua, language e fala) é, em minha opinião, o ponto mais difícil do livro. (tradução nossa)

¹¹ O equivalente coreano é “hwaen”, que é um neologismo específico coreano difícil de ser identificado com precisão no sentido. (Tradução nossa)

¹² Como ter formado os equivalentes russos da terminologia científica ter um papel importante no desenvolvimento da ciência. (Tradução nossa)

que queriam repassar os conceitos do autor. Os russos naquela época já identificavam a importância desses conceitos, e da compreensão correta deles, uma vez que se preocuparam bastante com a correção da tradução que estavam fazendo. Da mesma forma, os linguistas que tinham como referência o CLG traduzido para a Língua Inglesa, também se preocuparam com a concordância dos termos no Inglês com as ideias saussurianas, por isso levantaram críticas e ideias como veremos a seguir.

2.As controversas traduções para a língua inglesa

A primeira tradução do Curso de Linguística Geral para o inglês foi feita em 1959 por Wade Baskin, surgindo primeiramente nos Estados Unidos, e indo para a Inglaterra um ano depois, e em 1983, Roy Harris o traduziu novamente.

As críticas em relação a essas traduções são inúmeras, Sanders¹³ explica que ambas têm seus pontos fortes e fracos, portanto fica a critério do leitor decidir qual é melhor para sua compreensão, vemos isso em seu comentário: “Because each of these translations has its strengths and weaknesses, it was decided to allow authors the freedom to use either of them, or even to supply their own, as they thought fit.” (SANDERS, 2004:4)¹⁴, contudo, a partir do momento em que é permitido que os autores forneçam sua própria terminologia para falar desses termos, podemos concluir que pode haver uma confusão de termos e compreensão ainda maior.

Sanders aconselha aos leitores que, para melhor compreenderem seu livro “The Cambridge Companion to Saussure”, utilizem os termos “language system” para língua e “speech” para fala. Logo, percebemos que há certa confusão em qual seria o melhor termo, uma vez que ao mesmo tempo que a autora defende que ambas traduções tem seus pontos fortes e fracos, ela se posiciona quanto ao termo que acha mais confiável. E como a autora menciona a própria terminologia de Saussure se desenvolve no decorrer das três partes do Curso, “Saussure’s own terminology varies, and it develops throughout the three lecture series on which the *Cours* is based” (SANDERS, 2004:4)¹⁵, isso nos demonstra que a dificuldade em chegar a uma tradução exata é considerável.

Para Harris¹⁶, há grandes erros de tradução nas versões do Curso anteriores à sua; ele afirma que as traduções e comentários do livro ficaram em desacordo com o que Saussure queria explicar, como quando aponta “Saussure a plutôt été mal servi par sés traducteurs et commentateurs anglais” (HARRIS, 1983:350). O autor também comenta sobre um erro na tradução do termo linguagem que foi traduzido por “speech”, e que definiram que a linguagem era uma forma e não uma substância, conceito incorreto de acordo com os estudos saussurianos. Ele acrescenta também que é por esses motivos que Saussure não é bem entendido no mundo acadêmico e que isso pode ter feito com que o autor tenha sido erroneamente interpretado pelos gerativistas americanos, assim como ser chamado de inocente por Chomsky.

¹³ Carol Sanders é professora da Universidade de Surrey, e faz pesquisas relacionadas aos aspectos da língua francesa e a interface entre língua e outras áreas dos estudos franceses, mais especificamente ela trabalha com a historiografia da lingüística, especialmente Saussure e estruturalismo francês.

¹⁴ Por cada dessas traduções terem seus pontos fortes e fracos foi decidido permitir aos autores a liberdade de usar qualquer um deles, ou até mesmo. (Tradução nossa)

¹⁵ A própria terminologia de Saussure varia e se desenvolve durante os três cursos em que o Curso é baseado. (Tradução nossa)

¹⁶ Roy Harris é professor de lingüística geral na Universidade de Oxford, sua pesquisa trata do desenvolvimento da abordagem integracionista dos signos os dos sistemas semiológicos, e conseqüentemente de toda a comunicação humana.

[...]On a fait dire à Saussure que le langage était une forme et non une substance, déclaration parfaitement anti-saussurienne [...] Il n'est pas surprenant de constater que même les thèses essentielles de Saussure sur la langue sont mal comprises dans le monde académique anglophone. On peut même se demander si cela n'a pas joué un rôle dans la représentation manifestement erronée des générativistes américains qui ont rejeté la théorie saussurienne de la structure de la langue sous prétexte qu'elle était <naive> (Chomsky) et totalement dépourvue de l'idée d'une <créativité régie par des règles>. ¹⁷(HARRIS, 1983 :352)

Percebemos nesse comentário de Harris, que Saussure pode não ter sido somente mal interpretado pelos gerativistas como ele aponta, mas também por outros lingüistas que tiveram como leitura textos traduzidos que apresentavam errâncias, o que pode ter levado a uma formação não condizente com o estruturalismo que surgia. Além disso, outras teorias foram embasadas no estruturalismo saussuriano, e nos próprios conceitos que analisamos nesse trabalho.

Considerando as duas traduções para a língua inglesa nos deteremos ao capítulo três da introdução do Curso de Linguística Geral para fazermos nossa análise acerca desses três termos. Observamos no capítulo que Saussure irá discorrer sobre o objeto da Linguística, e é nesse ponto que aparecem as primeiras definições dos termos que propomos analisar neste trabalho.

Nas traduções para a língua inglesa esses três termos se diferem um do outro, como podemos observar na tabela abaixo:

	Baskin	Harris
Linguagem	Speech	Language
Língua	Language	1 – linguistic structure
		2 – language system
		3 – language
Fala	Speaking	Speech

Observamos que do lado esquerdo temos os termos na Língua Portuguesa, que se aproximam bastante dos termos da Língua Francesa: language, langue e parole, e do lado esquerdo temos, respectivamente, as traduções de Baskin e Harris.

O termo linguagem foi traduzido por Baskin como “speech”, e concluímos que as definições em vários dicionários dessa palavra não nos remete a entendê-la como linguagem, temos como definição: “fala, maneira de falar, dialeto, discurso” (LAROUSSE, 2007:341); porém, no dicionário Michaelis, que é bastante criticado por professores da Língua Inglesa, que o acham incompleto, encontramos língua como definição de “speech” (MICHAELIS, 1989:276) e isso nos demonstra que o termo utilizado por Baskin pode ter essa conotação da qual Saussure

¹⁷ Foi dito que a linguagem é uma forma e não uma substância, declaração perfeitamente anti-saussuriana [...] Não é de se estranhar que mesmo as teses essenciais de Saussure sobre a linguagem não são bem compreendidas no mundo acadêmico. Pode-se mesmo perguntar se isso não tem sido um papel de deturpação clara geradora de americanos que rejeitou a teoria saussuriana da estrutura da linguagem, sobre o pretexto de que ela era ‘ingênua’ (Chomsky) e totalmente desprovida de uma concepção de ‘criatividade governada por regras’

expunha em seus estudos. Já o termo utilizado por Harris que é “language” temos as seguintes definições “língua, linguagem” (LAROUSSE, 2007:198), e ainda acrescentado no Michaelis “estilo, modo de falar e escrever” (MICHAELIS, 1989:176), portanto, vemos aqui uma aproximação maior do termo original saussuriano.

Por essas diferentes definições podemos observar que o termo pode ser confundido ou mal interpretado dependendo de qual tradução lermos, o termo “speech” nos gera ainda maior confusão uma vez que definido como maneira de falar e discurso, se distancia muito daquilo que Saussure definiu como linguagem, essas definições se aproximam mais das definições que autor propõe para fala por exemplo, retomando e complementando o conceito que encontramos no CLG:

“A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psíco-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.” (SASSURE, 2006:22).

Notamos também que há um livro do John Lyons, cujo título em Inglês é *Language and Linguistics*, e em Português é *Lingua(gem) e Linguística*, ou seja, percebemos que nesse momento também havia uma certa confusão de qual seria o melhor termo a ser utilizado na tradução.

Para o termo língua Baskin utilizou “language”, o qual já temos a definição acima, enquanto que Harris usa três termos diferentes: “linguistic structure”, que pode ser traduzido como estrutura lingüística; “language system”, em Português seria sistema de linguagem, e “a language” ou “the language”. Observamos aqui uma confusão na tradução, é complicado podermos assimilar neste ponto que o Curso em Francês apresentava somente uma palavra para todas essas que aparecem na sua tradução em Inglês. Outro aspecto importante é que no próprio Curso não temos a palavra estrutura, portanto “estrutura lingüística” como tradução para “língua” pode nos levar a crer que há aqui uma interpretação¹⁸ do autor na sua tradução. Porém, Harris utilizou os artigos definidos e indefinidos (“the” e “a”) do inglês para diferenciar linguagem de língua, desse modo, quando o autor se propõe a falar da língua ele sempre utiliza o artigo definido ou indefinido antes da palavra, verificamos que as traduções “a language” ou “the language”, correspondem respectivamente à “uma língua” e “a língua”, enquanto que para linguagem, temos sempre a palavra não acompanhada desses artigos. Isso nos mostra uma importante diferenciação de termos tão parecidos, pois fazendo uso do artigo, percebemos que há uma determinação do substantivo, o que pode facilitar na distinção dos termos língua e linguagem.

Contudo, nem sempre quando temos o termo língua precedido de um artigo indefinido na tradução de Harris, temos na obra original do Curso o termo precedido do artigo indefinido também. Como exemplo, colocamos na tabela a seguir os trechos em português seguidos da tradução feita por Harris, e observamos que no primeiro trecho o autor segue a definição de Saussure de uma língua e traduz utilizando o artigo indefinido “a”, enquanto que no quarto trecho, o tradutor opta por não fazer a mesma distinção, portanto em português temos o artigo definido precedido de língua e no inglês temos o artigo indefinido. Fica, portanto a indagação de como isso pode influenciar na compreensão dos termos.

¹⁸ Há vários livros que abordam o assunto de interpretação e tradução como o livro *Quase a mesma coisa* de Umberto Eco, porém não nos deteremos a esse ponto neste artigo.

Trecho em Português	Trecho em inglês (Harris)
“[...]poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir <u>uma língua</u> ” (p.18)	“[...] one may say that it is not spoken language which is natural to man, but the faculty of constructing <u>a language</u> .” (p.10)
“Com o separar <u>a língua</u> da fala, separa-se ao mesmo tempo[...]” (p.22)	“By distinguishing between <u>the language</u> and speech we distinguish at the same time [...]” (p.13)
“ <u>A língua</u> não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente;” (p.22)	“ <u>The language</u> itself is not a function of the speaker. It is the product passively registered by the individual” (p.14)
“ <u>A lingua</u> é um sistema de signos que exprimem ideias[...] (p.24)	“ <u>A language</u> is a system of signs expressing ideas [...] (p.15)

E por fim, o termo fala é traduzido por Baskin como “speaking”, que na definição do dicionário temos “falando em termos gerais”, e “oração, discurso, adj. que fala, falante” (MICHAELIS, 1989:275), e Harris traduz como “speech”, o qual temos a definição acima. Ambos os termos se aproximam bastante do conceito saussuriano de fala, porém, como vimos anteriormente, as próprias explicações de Saussure relacionam um termo com outro, portanto, a partir do momento que a tradução de um termo pode nos levar à um erro de compreensão, logo, o entendimento dos outros termos também ficará comprometido.

Essas diferenciações nos termos com certeza influenciaram a compreensão dos conceitos saussurianos, é como Sanders discorre sobre a importância que a tradução do Curso tem para os leitores da Língua Inglesa, assim como as suas “retraduções” tiveram influência no trabalho de Saussure, pois sabemos que os lingüistas que leram e confiaram tanto em uma tradução como na outra, puderam ter compreendido erroneamente os conceitos saussurianos, e além disso, podem ter simplesmente ter ignorado o trabalho de Saussure por interpretá-lo a partir dessas errâncias, o que podemos observar em seu artigo: “It’s important to bear in mind the change in status of the *Cours* over the intervening years, because any (re)translation needs to take into account the impact and influence of the work.” (SANDERS, 2000:355)¹⁹

Sanders também apresenta em seu trabalho “the CLG had become a canonical text which was known but still misunderstood and misquoted” (SANDERS, 2000:355)²⁰, ou seja, a obra era conhecida, mas a tradução ainda levava com que os linguistas não compreendessem as ideias saussurianas, e inclusive o citavam erroneamente. Refletimos, portanto, como essas diferentes traduções influenciaram a formação de lingüistas da língua inglesa, pois de acordo com a análise que fizemos, é provável que possamos não fazer a distinção necessária entre os termos língua, linguagem, e fala, principalmente quando os estudamos a partir do CLG em que eles ficam correlacionados entre si, a má interpretação de um leva a má interpretação de outro. E uma vez que não conseguimos compreendê-los, podemos compreender erroneamente Saussure, e a partir disso, criar ideias e conceitos que podem se distanciar daqueles que foram fundamentais no estruturalismo e na teoria saussuriana.

¹⁹ É importante lembrar da mudança de status do Curso através da intervenção dos anos, pois qualquer (re)tradução precisa levar em conta o impacto e influência do trabalho. (Tradução nossa)

²⁰ O CLG tornou-se um texto canônico que foi conhecido mas ainda interpretado e citado erroneamente. (Tradução nossa)

Referências bibliográficas

CUDAKOVA, M. O.; TODDES, E. A. “La première traduction russe du *Cours de Linguistique Générale* de F. de Saussure et L’activité du Cercle Linguistique de Moscou” in **Cahier Ferdinand de Saussure**: Revue de linguistique générale, no. 36; pp. 63/91. Publicado por Cercle de Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A.; Genève; 1982.

HARRIS, R. “Préface à la traduction anglaise du Cours de Linguistique Générale” in **Cahier Ferdinand de Saussure**: Revue de linguistique générale, no. 56; pp. 341/355. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A.; Genève ; 2003.

KRINGS, H. P. **Repairing texts** : Empirical Investigations of Machine Translation Post-Editing Processes. Editora The Kent State University Press. Kent – Ohio, 2001.

LAROUSSE. Editora Larousse. São Paulo, 2007.

MICHELIS: pequeno dicionário. Editora Melhoramentos.São Paulo,1989.

NORMAND, C. **Saussure**. Editora Estação Liberdade. São Paulo, 2009.

SANDERS, C. “Saussure Translated” in **Historiographia Linguistica**, XXVII 2/3, pp.345-358. 2000.

SANDERS, C. **The Cambridge Companion to Saussure**. Editora Cambridge University Press. Cambridge – UK, 2004.

SAUSSURE, F. **Course in General Linguistics**. Tradução de Roy Harris. Editora Open Court Classics. EUA, 1983.

SAUSSURE, F. **Course in General Linguistics**. Tradução de Wade Baskin. Philosophical Library.Nova Iorque – EUA, 1959.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. Editora Cultrix. São Paulo- SP, 1973.

SUNGDO, K. “ Notes sur La traduction de La terminologie saussurienne em écriture chinoise” in **Cahiers Ferdinand de Saussure**: Revue de linguistique générale, no. 44; pp.73/93. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A.; Genève;1990.

WEN, P. “Preface to the Chinese translation of the CLG” in **Cahiers Ferdinand de Saussure**: Revue de linguistique générale, no. 60; pp. 201/216. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A.; Genève; 2007.